

ESCUITA E ACOLHIMENTO NO RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL: PROPOSTA DE RODAS DE CONVERSA

KARINA DA SILVA OLIVEIRA; JENNIFER DE ALMEIDA; MARCELA DE FREITAS ANDRADE; GUSTAVO ANDRADE DINIZ

Diversos estudos têm destacado a importância da eliminação de barreiras arquitetônicas, atitudinais, de comunicação e pedagógicas, visando garantir o acesso, a permanência e a conclusão de cursos acadêmicos pelos estudantes com necessidades educacionais especiais. Tais ações também contribuem para o desenvolvimento, acompanhamento e fortalecimento das políticas já existentes, assegurando uma educação mais inclusiva. Logo, é imprescindível refletir sobre estratégias de inclusão e acessibilidade a este público, a fim de favorecer a participação na universidade. O projeto “Construção de espaços de escuta acolhedora para o favorecimento de processos de adaptação positiva ao ensino presencial por alunos com deficiência” tem como objetivo criar um novo espaço de escuta e acolhimento para alunos com deficiência da UFMG, no processo de adaptação ao ensino presencial, que se dá após longo período de desafios experimentados no Ensino Emergencial Remoto, em função das estratégias de enfrentamento à COVID-19. Assim, o projeto tem buscado alunos de toda UFMG que possuam alguma deficiência, através de cartazes, divulgação nos colegiados dos cursos, e por meio de redes sociais como instagram e whatsapp. Buscamos também parceria com o coletivo de pessoas com deficiência da UFMG (MUDI) para estarmos mais próximos destes estudantes e conhecer suas vivências, a fim de favorecer o apoio e o suporte neste momento de adaptação. Assim, foram realizadas 5 rodas de conversas durante o primeiro semestre letivo, entre maio e julho, que contaram com a participação total de 3 alunos. As rodas buscaram conversar sobre apresentações e reflexões a respeito da pandemia e processo de ingresso na UFMG e possibilidade de melhorias, apesar de não se prenderem a esses temas. Por fim, foram levantadas as principais demandas e desafios enfrentados pelos alunos com deficiência. Dentre eles, o ponto principal foi a falta de conhecimento, informação e divulgação de projetos e ações da faculdade que geram acolhimento dentro do Campus e promovem maior acessibilidade. Além disso, houveram os impactos psicológicos, como a questão da socialização dos alunos. Para os que têm maior dificuldade de mobilidade, a universidade era o principal espaço de convivência e encontro com outras pessoas, o que foi perdido com a pandemia. Por fim, estão previstas para o segundo semestre novas rodas de conversas e a construção de uma cartilha informativa sobre acessibilidade e acolhimento na universidade.